

MONUMENTOS NA AMÉRICA LATINA: ESTÁTUAS DE QUEM, PARA QUEM E PARA QUÊ?

CRISTIÉLEN RIBEIRO MARQUES*

RESUMO

Apesar de uma questão bastante antiga, o debate em torno de monumentos a personagens históricos parecia ter ficado tão petrificado quanto as estátuas até então erguidas. Seja porque algumas delas já nem são vistas ou mesmo reconhecidas no palco das cidades, seja porque privilegiam narrativas de opressores e os glorificam.

No século XXI, nesse jogo de encenação e produção de significados, para combater esses discursos esculpidos, fundidos, vários grupos sociais partiram para a decapitação e derrubada de tais “heróis monumentalizados”. A velocidade com que as imagens desses atos foram distribuídas pelas redes digitais mundiais geraram, parece, uma urgência para que cada sociedade olhe para suas realidades e se coloque a questão: estátuas de quem, para quem e para quê?

A proposta deste ensaio é justamente retomar alguns casos na América Latina como os encontros e desencontros das estátuas de Bolívar, Chávez, Colón e Juana, e nessa dinâmica olhar para as feridas culturais, sociais, político-econômicas ainda não cicatrizadas. Testemunhos de valor artístico e histórico arquitetados por grupos das elites dominantes, sobre os quais cogita-se não somente a sua substituição, pois a própria prática social está em xeque: precisamos desse tipo de monumento?

Palavras-chave: Monumentos latino-americanos; Patrimônio cultural latino-americano; Arte latino-americana.

*Mestranda do Programa de Pós-graduação de Integração América Latina da Universidade de São Paulo, PROLAM-USP. Este ensaio foi desenvolvido para a disciplina de Epistemologias Latino-americanas, em julho de 2020, e adaptado para disponibilização online pela autora, em seu site: www.ecocircuitodearte.com, publicado em setembro de 2020. Direitos reservados.

INTRODUÇÃO

Li nesses dias de “colocarem-se abaixo monumentos”, uma postagem de uma professora com quem estudei História da Arte da América Latina, Julia Buenaventura, que me disparou muitas reflexões. Ela, de origem colombiana, propunha a questão: “Decapitar a estátua de Cristóvão Colombo (Columbus) foi algo muito forte, mas depois me perguntei o que fazer com meu próprio apelido: "colombiana"???, o que fazer com o nosso próprio nome: "Colômbia", vindo de Colombo? Se recebem propostas.”¹ As respostas foram das mais diversas, bem humoradas, irônicas, sarcásticas, conservadoras... Ao que parece um problema sem soluções simples, tampouco unânimes.

Mas para que de fato fosse solucionado, seria preciso antes encarar o debate. Isso significa não somente criar um fórum de discussão, mas principalmente articular distintos agentes. Integrar representantes da diversidade de nossas sociedades latino-americanas contemporâneas para endereçar a questão e construir a história e o futuro que essas obras aportam em campo simbólico, mas também como projeto de desenvolvimento. Ou seja, superar séculos de subalternidade, exploração humana, colonialidade, desigualdades históricas, sociais, culturais e econômicas. Tarefa fácil?!

Lembrando que essas são as bases nas quais se estabelece o capitalismo mundial, desde o movimento europeu de expansão mercantil ainda no século XV. O sociólogo peruano Anibal Quijano reforça os traços dessa dominação colonial, via uma classificação de raças e de novas formas de controle do trabalho em torno do capital. E a esse novo padrão, o intelectual acrescenta a ideia de que “a Europa também concentrou sob sua hegemonia o controle de todas as formas de controle da subjetividade, da cultura, e em especial do conhecimento, da produção do conhecimento” (QUIJANO, p.121, 2005) e, nesse contexto, também da arte. E isso se deu em detrimento das culturas pré-existentes em suas diferentes formas expressivas e cosmovisões, que de

¹ Julia Buenaventura (Bogotá, 1977) é crítica e historiadora da arte com foco em América Latina e relações entre arte e capital. Para saber mais, consultar: <https://www.juliabuenaventura.com>. No original: “Decapitar la estatua de Cristóbal Colón (Columbus) fue algo muy fuerte, pero luego me pregunté qué hacer con mi propio mote: "colombiana"???, ¿qué hacer con nuestro propio nombre: "Colombia", proveniente de Colón? Se reciben propuestas.”

maneira resiliente seguiram coexistindo numa história criada sob essas marcas do colonialismo.

Belas Artes na América Latina

No campo da arte da América Latina, uma dessas marcas do colonialismo, bastante significativa, é a abertura das primeiras Academias de Belas Artes na região, na segunda metade do século XVIII e início do XIX. Em 1781, é fundada, no México, a “Academia de San Carlos”², à época batizada como “Real Academia de San Carlos de las Nobles Artes de la Nueva España”. A “Academia Nacional de Bellas Artes San Alejandro”³, de Cuba, fundada em 1818 como “Escuela Gratuita de Dibujo y Pintura”, sob a direção do artista francês Jean Baptiste Vermy (1784-1833), que havia chegado à Havana em 1816 para realizar pinturas decorativas na “Catedral de La Habana”. E, no Brasil, a Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro. Uma empreitada que teve início com a Missão Artística Francesa de 1816, da qual eram membros os artistas Debret e Nicolas Antoine Taunay, até a sua inauguração em 1826, seguindo, portanto, os moldes franceses.

Ainda que nessa primeira metade do século XIX, já haviam se iniciado os processos de independência, as elites dominantes dos novos Estados latino-americanos compartilhavam muito mais de interesses econômicos, sociais e culturais com os países da Europa do que com a população local amplamente composta por índios, negros e mestiços. Esse era um momento em que a modernidade e a racionalidade eram imaginadas como experiências e produtos exclusivamente europeus, reforçando um mito de história da civilização humana como sendo “uma trajetória que parte de um estado de natureza e culmina na Europa”. (QUIJANO, 2005, p.122,).

E é justo nessa “jornada mítica do conhecimento” que, no final do século XIX e nas primeiras décadas do XX, muitos artistas e intelectuais ibero-americanos são atraídos para a França, em particular Paris. Alguns eram filhos da elite burguesa em ascensão em seus países de origem, outros eram artistas que não

² Academia de San Carlos. Disponível em <<http://academiasancarlos.unam.mx/>> Acesso em 04 jun. 2020

³ Academia Nacional de Bellas Artes San Alejandro. Disponível em:

<https://www.ecured.cu/Escuela_de_Artes_Pi%C3%A1sticas_San_Alejandro> Acesso em: 04 jun. 2020

descendiam de famílias abastadas, e que seguiam para a capital francófona para aprendizado em ateliês e poder ver de perto todos “ismos” artísticos e as vanguardas que dali emergiam.

Se pensarmos, por exemplo, em algumas das mais conhecidas pinturas históricas e das estátuas convertidas em monumentos, dos séculos XIX e XX em países da América Latina, essas foram feitas ou por europeus ou por artistas latino-americanos sob forte influência da academia de arte europeia. E, além desse domínio em termos de escola artística, nessa vertente de “arte histórica” como temática prevalece o ar romântico e, portanto, idealizado dos personagens e das cenas representadas. mestiços são embraquecidos e seus traços afinados; indígenas, alegorias folclóricas; gauchos, fardados de militares; negros escravizados e seus corpos exibidos para demonstrar a aptidão “natural” ao trabalho forçado; e a paisagem, de uma abundância tropical ou em pampas bucólicos.

Essas estratégias, no filme histórico-ficcional “Artigas: La Redota” de 2011, fazem parte da trama que se passa em 1884, quando o pintor uruguaio Juan Manuel Blanes (1830-1901)⁴ recebe a encomenda de um retrato do libertador José Artigas (1764, Uruguai – 1850, Paraguai). O artista não tinha referências em imagem de Artigas jovem, exceto os esboços de 1811 feitos pelo suposto jornalista espanhol Aníbal Larra, um espião contratado para assassinar “o chefe rebelde dos orientais” que não se submetiam à hegemonia de Buenos Aires. O filme se desenvolve entre a travessia do Rio da Prata rumo à Montevideo pelo líder e seu exército popular, e as pinceladas de Blanes de um realismo com traços e cenário gauchesco convertido em uma construção romântica de um herói nacional. Uma dupla derrota de Artigas?⁵

⁴ Em 1860 o artista obteve uma bolsa do Governo Uruguaio para estudar pintura em Florença, onde ingressa na academia do mestre Antonio Ciseri. Retorna a Montevideu em 1864, quando já começa a produzir muitos retratos. De volta a Europa em 1879, onde permanece até 1883, quando além do gênero alegórico, se dedica a obras de episódios históricos rio-platenses. Fonte: MUSEO BLANES. Disponível em: <<https://blanes.montevideo.gub.uy/exposiciones/coleccion/la-coleccion-del-museo-blanes/pinacoteca/blanes-juan-manuel>> Acesso em: 18 set. 2020.

⁵ MAZZINI; TORELLO, 2016. A palavra “redota” era de uso frequente no século XIX, e significa “derrota” (ver: Diccionario del español del Uruguay, Academia Nacional de Letras, Montevideo, 2011).

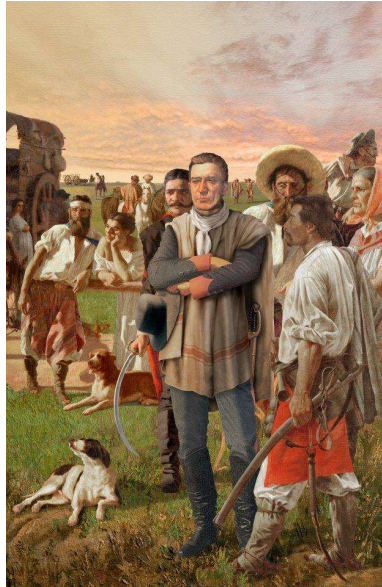


Figura 1 – Captura de tela da cena do filme “La Redota”, 2011, 2’54



Figura 2 - Juan Manuel Blanes (1830-1901)
Artigas em la puerta de la ciudadela, 1884
Óleo sobre tela, 182 x 119⁶

A seguir, veremos mais alguns casos dessa transfiguração em obras de arte de heróis e fatos históricos na América Latina, em particular em estátuas, já que essas construções, especificamente agora no século XXI, estão sendo colocadas em xeque e algumas, literalmente, derrubadas.

Deslocar, decapitar ou derrubar monumentos

Por mais sólidos que sejam seus materiais, mármore, bronze, e pareçam imóveis, alguns casos que serão aqui abordados mostram as fragilidades dos monumentos no tempo e no espaço. Hughes de Varine, teórico francês da museologia social, aponta em seu livro “As raízes do futuro, o patrimônio a serviço do desenvolvimento local”, que a cultura, seja ela material ou imaterial, é viva enquanto pertence a uma população da qual constitui o patrimônio. E essa cultura também morre, quando é apropriada e codificada por especialistas externos à população. (VARINE, 2006, p. 19) Além disso, o museólogo vai reforçar as múltiplas dimensões de um patrimônio, ou seja, um recurso para o desenvolvimento social, cultural e econômico. O que defende Varine é que esse patrimônio só será de fato um “valor agregado da história”, na medida em que seja resultado da participação efetiva, ativa e consciente da comunidade que

⁶ BARBOSA, Luciana Coelho. Uma imagem para a pátria: o retrato de Artigas por Juan Manuel Blanes. 19&20, Rio de Janeiro, v. XII, n. 1, jan./jun. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/obras/lcb_blanes_arquivos/fig01.jpg> Acesso em: 2 jul. 2020.

detém o patrimônio. E, portanto, “não é nem intocável, nem inalienável. Ele é essencialmente consumível, destrutível, mas somente em função do desenvolvimento”, desde que esse tenha raízes na diversidade cultural da população que vive no território ou dele se beneficia. (VARINE, 2026. P. 38-39) Daí, justamente surge a questão: a que projeto de desenvolvimento servem os monumentos na América Latina?

Néstor Canclini, antropólogo argentino, vai interpretá-los como “instrumento para a reprodução social e da luta pela hegemonia”. Também reforça as múltiplas camadas que o constituem e o caráter indissociável entre economia e cultura, sendo o patrimônio e os monumentos históricos alguns de seus produtos tangíveis. No processo de construção desses monumentos, observam-se as relações políticas, sociais, econômicas entre países, entre as diferentes classes da população local, interesses internacionais, e, é claro, os silêncios, as ausências e os desvios. (CANCLINI, 1981, p. 31-34). Assim, Canclini aponta a impossibilidade, numa “sociedade fragmentada” como é a latino-americana, de se erguer pilares, assentar esculturas, monumentalizar personagens, como peças de uma unidade histórica.

E nesse processo, a cidade, o espaço urbano é palco principal para a encenação desses “personagens”. Território de conflitos e de embates entre narrativas, em que “o presente é o cenário da modernização e, ao mesmo tempo, dos impulsos arcaicos, de estratégias que preservam o status quo e outras que significam a revolta e a renovação do mundo⁷”. (CUSICANQUI, 2010, p. 55) Nessa abordagem, a socióloga, historiadora boliviana Silvia Cusicanqui explora ainda o inexorável contido nesse passado pétreo e a ideia de “Mundo al Revés”, que tem referência na cosmogonia indígena⁸:

⁷ Trata-se do *Pachakuti*, conforme menciona Silvia Cusicanqui: noção indígena que consiste na revolta ou na reviravolta do espaço-tempo, as quais inauguram longos ciclos de catástrofe ou renovação do cosmos. (CUSICANQUI, 2010, p. 22)

⁸A autora faz referência ao conceito de “Mundo al Revés” citando a Guamán Poma de Ayala (Waman Puma, indígena peruano, nascido entre 1533 e 15352). Autor de “A Primer nueva corónica y Buen gobierno”, concluída entre 1613 e 1615, destinada ao rei de Espanha, Felipe III, da Casa de Habsburgo. Desaparecida durante séculos, foi encontrada em 1908 na Biblioteca Real de Copenhague na Dinamarca, tendo uma edição facsímile em 1936. Entendida como crônica, carta-denúncia, programa de reformas para um bom governo, e ainda, carta-promoção do autor (que também é personagem da crônica). (CASSIANO; VARELLA, 2011, p.1) Consultar versão facsímile da obra: GUAMAN POMA DE AYALA, Felipe. Nueva Corónica y buen gobierno, 1613. Disponível em: <<http://www.kb.dk/permalink/2006/poma/info/es/frontpage.htm>> Acesso em: 20/09/2020.

O mundo de pernas para o ar do colonialismo só voltará a si, realizando-se como história, se for possível derrotar aqueles que insistem em preservar o passado, com todo o seu lastro de privilégios ilícitos. Mas, se eles triunfarem, "nem mesmo o passado conseguirá se livrar da fúria do inimigo", parafraseando Walter Benjamin.⁹ (CUSICANQUI, 2010, p. 55)

Recordemos então alguns desses embates encenados por estátuas históricas na América Latina. Em 2013, duas cenas em torno a monumentos da região tiveram grande repercussão. Um deles, apesar de ser de um herói latino-americano, a estátua em questão está localizada em Paris. Em 6 de março daquele ano, mais de mil pessoas, entre elas representantes de partidos de esquerda franceses, embaixadores latino-americanos, cidadãos da América Latina que residem na capital francesa, se reuniram ao pé da estátua de Simón Bolívar, em homenagem ao presidente venezuelano Hugo Chávez, falecido no dia anterior, em Caracas.

Essa estátua em bronze é a quarta reprodução da obra do escultor francês Emmanuel Frémiet, feita sob encomenda pela municipalidade de Bogotá, na Colômbia, no início do século XX. A reprodução foi oferecida à França em 1930 pela ocasião do centenário de morte de Simón Bolívar, e então à época colocada na praça d'Amérique Latine, em Paris. As outras duas estão erguidas em Barranquilla, na Colômbia, e em La Paz, na Bolívia. No período da segunda guerra mundial, a obra na França quase foi parar em fundição, mas acabou sendo salvaguardada e, atualmente, estão no Cours-la-Reine, região próxima ao rio Sena.

⁹ No original: El mundo al revés del colonialismo, volverá sobre sus pies realizándose como historia sólo si se puede derrotar a aquellos que se empeñan en conservar el pasado, con todo su lastre de privilegios mal habidos. Pero si ellos triunfan, "ni el pasado podrá librarse de la furia del enemigo", parafraseando a Walter Benjamin. (CUSICANQUI, 2010, p. 55)



Figura 3 - Monumento a Simón Bolívar, Foto: REUTERS/Marcos Brindicci, 6 de março de 2013.

A ligação de Hugo Rafael Chávez Frías (1954-2013) a Simón José Antonio de la Santísima Trinidad Bolívar y Palacios Ponte-Andrade y Blanco (1783-1830) vai se dar em várias circunstâncias ao longo de sua trajetória. Desde a fundação do Movimento Bolivariano Revolucionário-200, ainda nos anos de 1980, até a passagem do nome do país de República da Venezuela para então República Bolivariana da Venezuela, após a posse de Chávez como presidente em 1999. Nomeou como “Revolução Bolivariana” as políticas adotadas durante o seu governo que, segundo o presidente, foram baseadas nos ideais de “O Libertador” visando um novo socialismo. Inúmeras serão também as imagens em que posa desde o Palácio de Miraflores junto à pintura do retrato de Bolívar, e até “revela” um ano antes de sua morte, em 2012, o “verdadeiro rosto” do herói nacional. Sobre a imagem reproduzida digitalmente, com base em dois anos de pesquisa científica, afirmou Chávez:

A partir de hoje, seu verdadeiro rosto resgatado pelas mãos amorosas de suas filhas cientistas e de seus filhos cientistas brilhará muito mais, porque já conhecemos com precisão e recebemos com intensidade infinita a presença luminosa daquele olhar.¹⁰ (EL UNIVERSO, 2012)

¹⁰ A partir de hoy, tu rostro verdadero rescatado por las manos amorosas de tus hijas científicas y de tus hijos científicos brillará mucho más, porque ya sabemos con precisión y recibimos con intensidad infinita la luminosa presencia de esa mirada”.

Porém, se a estátua de Bolívar, em Paris, segue erguida, a de Chávez, em seu próprio país, nem tanto. Com a ascensão de ondas conservadoras pela América Latina, a organização da oposição ao chavismo ganhou forças dentro e fora do país, e em 2017 viu-se “Chávez ser derrubado”. A ação fez parte dos protestos na cidade de Rosario de Perijá, a 800 quilômetros da capital Caracas, contra o governo chavista de Nicolás Maduro.



Figura 4 - Imagem reproduzida pela Veja, do Twitter do canal de televisão venezuelano NTN24, 2017

Que ideias e ideais estão por trás dessas imagens? O que querem as pessoas por trás dos atos de homenagem à Chávez e aos pés de Simón, na França? E quem são aqueles na derrubada de Chávez? Estariam também em desacordo sobre o pensamento de Simón? Sobre os ideais deste último, vale a pena voltarmos aos seus manifestos, cartas e discursos. Essa voz do século XIX e nos seus tempos áureos em torno da luta libertária, propunha o “equilíbrio entre os poderes”, a “moderação da vontade geral e limitação da autoridade pública”, a “soberania do povo” e a “abolição de privilégios”. Mas não se pode esquecer que estava também em sua pauta, uma descrença na capacidade do povo de agir em prol da liberdade, após terem vivido tanto tempo em condição subalterna. E, no seu “Discurso de Angostura” de 1819, reforçou as premissas e as dificuldades para se colocar em prática esse projeto de liberdade:

“Necessitamos da igualdade para refundar, digamos assim, num todo, a espécie dos homens, as opiniões políticas e os costumes públicos. Então, olhando para o vasto campo que ainda falta percorrermos, fixemos nossa atenção nos perigos que devemos

evitar. Que a História no sirva de guia nesta corrida”.¹¹
(BOLIVAR, 1819, p.8)

Foi justamente em nome desses ideais bolivarianos, que Chávez derrubou a três “Colombos”. O primeiro, em 2004, na verdade resultado de uma organização de grupos de seguidores do presidente que, no dia 12 de outubro, outrora “Día de la Raza” e desde 2002 “Día de la Resistencia Indígena”, fizeram um julgamento simbólico de Colombo por sua tirania e seus crimes de genocídio, pelos quais foi condenado, e cuja pena cumprida pela estátua erigida em 1904 na Plaza Venezuela. A obra era uma criação do artista Rafael de la Cova (1850 – 1896), venezuelano que havia estudado artes em Roma com uma bolsa do governo. O artista nem chegou a vê-la ocupando a praça em Caracas, a mesma que veio a ser então abatida, arrastada e enforcada cem anos mais tarde. E, em 2009, um último Colón que ainda resistia num parque da capital venezuelana, teve também sua retirada ordenada por Chávez.



Figura 3 – Fotos de 12 de outubro de 2004, derrubada da estátua de Colombo, na Plaza Venezuela, em Caracas. Crédito: AP, Fonte: BBC News.

E o terceiro Colombo? Como, na Venezuela, todos já haviam sido abatidos, Chávez foi buscá-lo entre “los hermanos”. Em 2011, em uma visita à Casa Rosada, em Buenos Aires, Chávez comentou: "O que está fazendo aí esse genocida? (Cristóvão) Colombo foi o líder de uma invasão que não produziu um massacre, mas um genocídio. Aí tem que se colocar um índio".¹² (LA NACIÓN, 2011) O quanto essas palavras influenciaram de fato nas decisões tomadas dois

¹¹ No original: Necesitamos de la igualdad para refundir, digamoslo así, em un todo, la especie de hombres, las opiniones políticas, y las costumbres públicas. Luego estendiendo la vista sobre el vasto campo que nos falta recorrer, fijemos la atención sobre los peligros que debemos evitar. Que la Historia nos sirva de guía en esta carrera”. (BOLIVAR, 1819, p.8)

¹² “¿Qué hace ahí ese genocida? (Cristóbal) Colón fue el jefe de una invasión que produjo no una matanza, sino un genocidio. Ahí hay que poner a un indio”. (LA NACIÓN, 2011)

anos mais tarde, durante “el kirchnerismo”, não se pode afirmar. O fato é que renunciaram a disputa que se iniciou em 2013 entre Colombo e Juana Azurduy por espaços na cidade portenha, na mídia, nas opiniões de representantes da sociedade e na história argentina e latino-americana.

De um lado estava o monumento erigido sob o patrocínio do imigrante italiano, Antonio Devoto (1832-1916), que chegou a Buenos Aires em 1850, instalou um armazém no centro da capital, e tornou-se um importante empresário, banqueiro e industrial. Devoto organizou um concurso, cujo vencedor foi o escultor florentino Arnaldo Zocchi para ser o criador da estátua em mármore de Carrara em homenagem a Cristóvão Colombo. Essa foi totalmente produzida na Itália e trasladada em partes para Buenos Aires. A montagem, acompanhada pelo próprio artista, teve início em 24 de maio de 1910, com inauguração em 1921, no Parque Colón, entre a Casa Rosada e a circular Avenida de la Rábida. Em março de 2013, por decisão do governo de Cristina Fernández de Kirchner, o monumento seria transferido para a cidade de Mar del Plata, e em seu lugar entraria uma “nova heroína”.

Assim, surgia em cena Juana Azurduy de Padilla (1780-1862) uma patriota do Alto Perú, guerrilheira da Independência, nascida em Sucre (Bolívia). A estátua seria financiada com a doação de um milhão de dólares pelo governo boliviano sob a presidência de Evo Morales. Azurduy substituiria então a Colombo, junto à Casa Rosada. “Um atropelo à história”, comentário da comunidade italiana local.

E se Chávez talvez tenha influenciado para a troca das estátuas, a eleição do personagem substituto é uma provável inspiração em Simón Bolívar, que foi quem declarou Juana Azurduy “heroína” do novo Estado, em 1825. Nos cem anos do falecimento de Juana, em 1962, foi nomeada “heroína nacional”, e no bicentenário de seu nascimento, em 1980, foi designada “heroína das Américas”, em uma convenção internacional.

Sob discórdias e ações judiciais, em 29 de junho de 2013, Colombo foi desmontado, removido e mantido guardado até que definissem seu novo

destino. (Teria Chávez celebrado a cena espetacular? Não viveu para ver suas palavras premonitórias colocadas em prática).



Figura 4 - Plaza Colón e monumento a Cristóbal Colón, Postal de 1930 (circa). Crédito: Domínio público.¹³



Figura 5 - Içamento do monumento da Plaza Colón em 2013. Crédito: DyN/Archivo

Mesmo sob todas as polêmicas e manifestações contrárias, em 2015, a obra realizada pelo escultor argentino Andrés Zernerri, em bronze, de Juana Azurduy passou a ocupar o lugar histórico junto à Casa Rosada, enquanto aquela de Colombo também tinha nova localização, espaço em frente ao aeroporto regional, Aeroparque, às margens do Prata. Na inauguração, estiveram presentes Cristina Kirchner e Evo Morales, prestigiando a “nova mirada”. Se Colombo se orientava ao rio, Azurduy mirava “hacia el continente”. “É um símbolo que vai muito além da conjuntura”¹⁴ nas palavras de Zernerri, seu criador. (EL DIARIO 24, 2015) Porém, provavelmente, o artista não imaginava que dois anos mais tarde seria testemunha da mudança dessa vez de sua obra. Sob o pretexto de um novo projeto urbanístico, em 2017, Juana Azurduy “mudou-se” para a Praça do Correio, próximo ao Centro Cultural Kirchner (CCK).

¹³ Postal de 1930 (circa). Autor desconhecido - Buenos Aires post cards álbum. Tarjeta postal. Se ve la Plaza Colón, en cuyo centro se erige el monumento al navegante Cristóbal Colón, obsequio de la colectividad italiana a la Argentina en conmemoración al Centenario de la Revolución de Mayo, obra realizada en mármol de Carrara por el escultor italiano Arnaldo Zocchi (1862–1940), e inaugurada recién en el año 1921. Disponível em:

<[https://es.wikipedia.org/wiki/Monumento_a_Crist%C3%B3bal_Col%C3%B3n_\(Buenos_Aires\)#/media/Archivo:Monumento_Col%C3%B3n_tranv%C3%ADas.jpg](https://es.wikipedia.org/wiki/Monumento_a_Crist%C3%B3bal_Col%C3%B3n_(Buenos_Aires)#/media/Archivo:Monumento_Col%C3%B3n_tranv%C3%ADas.jpg)> Acesso em: 1 jul. 2020.

¹⁴ “Es un símbolo que va mucho más allá de lo coyuntural”. (EL DIARIO 24, 2015)



Figura 6 - La entrega de la obra hecha por Evo en 2015.¹⁵ Crédito: Casa Rosada



Figura 7 - Traslado do monumento, 2017. Crédito: Infobae.

Então, derrubar ou não derrubar as estátuas, eis a questão? Há quem defenda os monumentos como obra de arte, e como tal a sua não destruição, por carregarem em si um valor estético e o gesto do artista que a concebeu. O que deveriam então fazer os argentinos, mais especificamente os portenhos, em relação à estátua de Sarmiento, localizada no parque “Tres de Febrero”? Uma vez que a ética do personagem é controversa se considerarmos suas ideias de barbárie associadas aos povos originários e aos “gauchos”; e quanto à obra artística, esta foi bastante questionada desde sua inauguração em 1900 e não muito querida pela feiura com que foi retratado o presidente. Porém, trata-se de uma escultura feita por ninguém menos que Auguste Rodin, o artista francês conhecido por seu estilo realista, sendo Buenos Aires a única a cidade em todo o continente americano a contar com um monumento feito especialmente para ela pelo escultor.

“É difícil conceber algo mais feio, vulgar, quase repulsivo e, portanto, menos parecido com Sarmiento do que o perfil de sua estátua(...). Sarmiento era feio, mas não tinha o crânio de degenerado, nem a cabeça de um tabelião ou farmacêutico de aldeia”, publicou o jornal La Nación, quando o artista francês Auguste Rodin fez a escultura por encomenda em 1894, seis anos após a morte de Domingo Faustino Sarmiento.¹⁶ (LA TINTA, 2020)

¹⁵ CASA ROSADA. Inauguraron el monumento a Juana Azurduy junto a Casa Rosada. Disponível em: <<https://www.casarosada.gob.ar/informacion/archivo/28878-inauguran-el-monumento-a-juana-azurduy-junto-a-casa-rosada>> Acesso em: 1 jul. 2020.

¹⁶ “Es difícil concebir algo más feo, vulgar, casi repulsivo y, por lo tanto, menos parecido a Sarmiento que el perfil de su estatua (...). Sarmiento era feo, pero no tenía un cráneo de degenerado ni era su cabeza la de un notario o la de un farmacéutico de aldea”, publicó una vez el diario La Nación, cuando el artista francés Auguste Rodin había realizado la escultura a pedido en 1894, seis años después de la muerte de Domingo Faustino Sarmiento. (LA TINTA, 2020)

Se seguirmos por essa vertente do valor como arte, o que fazer então com o gesto artístico de Victor Brecheret (1894-1995) e Julio Guerra (1912-2001), expressos nos monumentos às Bandeiras¹⁷ e ao bandeirante Borba Gato¹⁸, no Brasil, na cidade de São Paulo? Não é a primeira vez que alguém responde a essa questão em atos, como aqueles da manhã de setembro de 2016, quando ambos os monumentos amanheceram com manchas coloridas. Atos de vandalismo, intervenção artística, pichação... De toda maneira, o desconforto causado por essas ações, a indignação, a repulsa, a violência não são apenas por questões históricas. São feridas que seguem abertas no presente, em memórias desarticuladas, desconexões com o espaço público, dissociações com a população – dores das desigualdades.

À época, ainda não estavam na moda as notas de repúdio, mas o Instituto Victor Brecheret foi a público manifestar sua indignação e perplexidade frente ao barbarismo e a violência contra uma obra de arte das mais importantes para o país. Mas o que fazer sobre o barbarismo e a violência que o Monumento às Bandeiras também representa? Em 2013, essa mesma obra já tinha sido pintada de vermelho, como protesto de um grupo social indígena que, em carta assinada por Marcos Tupã, coordenador da Comissão Guarani Yvyrupá, declarava:

[...] marchamos em direção a essa estátua de pedra, chamada de Monumento às Bandeiras, que homenageia aqueles que nos massacraram no passado. Lá subimos com nossas faixas, e hasteamos um pano vermelho que representa o sangue dos nossos antepassados, que foi derramado pelos bandeirantes, dos quais os brancos parecem ter tanto orgulho. [...] Apesar da crítica de alguns, as imagens publicadas nos jornais falam por si só: com esse gesto, eles nos ajudaram a transformar o corpo dessa obra ao menos por um dia. Ela deixou de ser pedra e sangrou. (REVISTA FORUM, 2013)

E, assim, seguimos repetindo a pergunta: o que fazer com Borba Gato? Em muitos casos, a valorizada arte também ajuda a construir futuros possíveis para questões latentes no agora. Caso do gesto artístico de Stephan Doitschinoff em

¹⁷ Monumento às Bandeiras, de Victor Brecheret, inaugurado em 1953, como parte das comemorações do IV Centenário da cidade de São Paulo.

¹⁸ Estátua do Borba Gato, de Júlio Guerra, inaugurada em 1962, havia sido planejada para 1960, ano de celebração do IV Centenário distrito de Santo Amaro.

sua obra: "Derrubem o Borba Gato!". Assim, em nome da arte, não deveria a tela, ao menos, estar ao lado do bandeirante?



Figura 4 - "Derrubem o Borba Gato!", acrílica sobre tela / (82x52cm), 2016, de Stephan Doitschinoff.
Fonte: perfil do artista no Facebook, publicação de 9 de junho de 2020.

(In)conclusões

Bolívar, Chávez, Colón e Juana, monumentos que se tornaram “pedras no caminho” de nossas sociedades latino-americanas. Fraturas expostas cujas dores não parecem ter fim, continuaremos simplesmente sob uma certa analgesia? Seguiremos com essa tradição de culto a estátuas e bustos de personagens notáveis e monumentalizações memorialistas de tempos coloniais, escravocratas, genocidas, machistas, servis...? E ainda que possam ser (re)contextualizadas em narrativas contemporâneas, faz sentido continuarmos utilizando dessa forma piramidal, hierarquizada, símbolo de alguma forma de poder superior, apartada de um cotidiano em um pedestal? Por ser artística ganha uma aura intocável? Este é um ensaio de perguntas.

Portanto, urgente é repensar esses monumentos a partir de uma revisão dos modelos de desenvolvimento e sobre como queremos viver juntos. Talvez um caminho seja o de antimonumentos, “de convivência democrática”, em se que admitam “novas formas de comunidade” e “identidades mescladas”, “em diálogos criativos e em um processo de intercambio de saberes, de estéticas e ética”¹⁹. E, enquanto escrevia esta inconclusão, justo me deparava com a notícia de mais uma derrubada de estátua: a do colonizador espanhol Sebastián de Belálcazar, por indígenas na cidade de Popayán, Colômbia. E o que vi de mais

¹⁹ CUSICANQUI, 2010, p. 72

tocante nas imagens, era a silhueta de “El Morro de Tulcán”²⁰. Um morro que podia vir a ser personagem e personificação da retomada do direito a ser parte e criador de um passado, presente e futuro. Ao menos encerro este ensaio com esta utopia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros

CANCLINI, Néstor. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo, Brasiliense, 1981.

MARINGONI, Gilberto. **A Revolução Venezuelana**. São Paulo, Editora Unesp, 2009.

VARINE, Hughes de. **As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local**. Porto Alegre: Medianiz, 2013.

Publicações em formato eletrônico

BOLIVAR, Simón. **Manifiesto de Cartagena**. Disponível em: <<https://www.biblioteca.org.ar/libros/1232.pdf>> Acesso em: 13.03.2020

CUSICANQUI, Silvia Rivera. Ch'ixinakax utxiwa. **Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores**. In: Ch'ixinakax Utica. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores. Bs: Tinta Limón, 2010. pp 53-75. Disponível em <https://chixinakax.files.wordpress.com/2010/07/silvia-rivera-cusicanqui.pdf> . Acessado em 20.06.2020

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: Leher, Roberto & Setúbal, Mariana (org). Pensamento Crítico e Movimentos Sociais: Diálogos para uma nova Práxis. São Paulo: Ed. Cortez, 2005. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf . Acessado em 02 jun. 2020.

Material de Internet

ARTIGAS: LA REDOTA. Direção: César Charlone. Produção de José María Morales y Sancho Gracia. Uruguay: Wanda Films, TVE, Cimarrones Película, AIM, Lusa Films, 2011. Publicado em YouTube, 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HUIFFFBhAJI&t=212s>> Acesso em: 2 de jul. 2020.

AH Aventuras na História. **Quais foram as estátuas afetadas pelos protestos antirracistas no mundo?** 15 de junho de 2020. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/quais-foram-estatuas-afetadas-pelos-protestos-antirracistas-no-mundo.phtml>> Acesso em: 2 de jul. 2020.

²⁰ El morro de Tulcán, donde estaba ubicada la estatua, fue una pirámide construida sobre un cementerio precolombino en la que los indígenas realizaban rituales ancestrales. En 1930 se planteó hacer dos estatuas: una en homenaje a Belalcázar, que iba a ser ubicada en una plaza de la ciudad; y otra del Cacique Puben, que iba a coronar el morro. Sin embargo, de acuerdo con Agenda Propia, un medio dedicado a temas indígenas, esa promesa fue incumplida y la de Belácazar fue instalada en lo alto de la pirámide. (EL PAIS, 2020)

BARBOSA, Luciana Coelho. **Uma imagem para a pátria: o retrato de Artigas por Juan Manuel Blanes**. 19&20, Rio de Janeiro, v. XII, n. 1, jan./jun. 2017. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/obras/lcb_blanes.htm>. Acesso em: 2 de jul. 2020.

BBC NEWS. **¿Dónde está la estatua de Cristóbal Colón que fue juzgada, condenada y colgada el 12 de octubre de 2004 en Caracas?** 12 de outubro de 2016. Disponível em: <<https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-37625519>>. Acesso em 25 jun. 2020.

BUENAVENTURA, J. 1 Vídeo (20 min). **Decapitando a Colón, derribando monumentos**. Publicado pelo canal Julia Buenaventura, 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xoYKhQhahxg&t=621s>> Acesso em: 2 de jul. 2020.

CASSIANO, Samuel José; VARELLA, Alexandre Camera. **Guaman Poma de Ayala e a ideia de uma nobreza indígena de linhagem legítima e cristã para o vice-reino do Peru no século XVII**. In: XXVI Simpósio Nacional de História, 2011, São Paulo. **Anais eletrônicos [...]** São Paulo: Universidade de São Paulo (USP) Cidade Universitária. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/27/1364927251_ARQUIVO_Samuel%23ApresentacaoIC-ANPUH2013.pdf> Acesso em: 20 set. 2020

CLARÍN. **Secreta Buenos Aires: Colón mirando hacia el Este**. 12 de maio de 2012. Disponível em: <https://www.clarin.com/ciudades/colon-mirando_0_HJhg-jmhDmx.html> Acesso em: 23 jun. 2020.

CORREIO BRASILIENSE. **Manifestantes homenageiam Chávez ao pé da estátua de Bolívar em Paris**. 06 de março de 2013. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2013/03/06/interna_mundo,353291/manifestantes-homenageiam-chavez-ao-pe-da-estatua-de-bolivar-em-paris.shtml> Acesso em: 25 jun. 2020.

EL DIARIO 24. **La Presidenta inaugurará la escultura de Juana Azurduy junto a Evo Morales**. 14 de julho de 2015. Disponível em: <<https://www.eldiario24.com/nota/argentina/356245/presidenta-inaugurara-escultura-juana-azurduy-junto-evo-morales.html>> Acesso em: 28 jun. 2020.

EL PAÍS. **Un grupo de indígenas derrumba la estatua de Sebastián de Belalcázar en Colombia**. 17 septiembre 2020. Disponível em: <<https://elpais.com/internacional/2020-09-17/un-grupo-de-indigenas-derrumba-la-estatua-de-sebastian-de-belalcazar-en-colombia.html>> Acesso em 18 set. 2020.

EL UNIVERSO. **El verdadero rostro de Bolívar, según presidente Chávez**. 24 de julho 2012. Disponível em: <<https://www.eluniverso.com/2012/07/25/1/1361/verdadero-rostro-bolivar-segun-presidente-chavez.html>> Acesso em: 25 jun. 2020.

E-MONUMEN. **Monument à Simon Bolivar – Paris (75008)**. Disponível em: <<https://e-monumen.net/patrimoine-monumental/monument-a-simon-bolivar-paris-8e-arr/>> Acesso em; 25 jun. 2020.

G1. **Monumentos amanhecem pichados com tinta colorida em SP. 30 de setembro de 2016**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/09/monumentos-amanhecem-pichados-com-tinta-colorida-em-sp.html>> Acesso em: 22 jun. 2020.

HURTADO, Samuel. **El 12 de octubre de 2004: Reflexiones sobre el derribamiento de la estatua de Cristóbal Colón.** In: Presente y Pasado. Revista de Historia. ISSN: 1316-1369. Año 12. Nº 23. Enero-Junio, 2007 p. 107-126

INFOBAE. **La estatua de Cristóbal Colón ya tiene su lugar en la Ciudad de Buenos Aires.** 7 de junho de 2019. Disponível em: <<https://www.infobae.com/sociedad/2019/06/07/la-estatua-de-cristobal-colon-ya-tiene-su-lugar-en-la-ciudad-de-buenos-aires/>> Acesso em 20 jun. 2020

INFOBAE. **Así fue el traslado del monumento de Juana Azurduy a la Plaza del Correo.** 17 de setembro de 2017. Disponível em: <<https://www.infobae.com/sociedad/2017/09/17/trasladaron-el-monumento-de-juana-azurduy-a-la-plaza-del-correo/>> Acesso e: 30 jun. 2020.

LA NACIÓN. **Vuelve la polémica: se trasladará la estatua de Juana Azurduy.** 5 de maio de 2017. Disponível em < <https://www.lanacion.com.ar/buenos-aires/vuelve-la-polemica-se-trasladara-la-estatua-de-juana-azurduy-nid2020741>> Acesso em: 25 jun. 2020.

LA NACIÓN. **Cristina Kirchner y Evo Morales inauguran hoy el monumento a Juana Azurduy.** 15 julho de 2015. Disponível em: <<https://www.lanacion.com.ar/politica/monumento-juana-azurduy-nid1810619>> Acesso em: 30 jun. 2020.

LA NACIÓN. **Sigue la puja entre Nación y Ciudad por la remoción de la estatua de Colón.** 1 julho de 2013 <<https://www.lanacion.com.ar/buenos-aires/sigue-la-puja-entre-nacion-y-ciudad-por-la-estatua-de-colon-tras-la-remocion-nid1597095>> Acesso em:

LA NACIÓN: **Retiraron la figura de Cristóbal Colón del monumento.** 29 de junho de 2013. Disponível em: < <https://www.lanacion.com.ar/buenos-aires/estan-desmontando-la-estatua-a-cristobal-colon-nid1596704>> Acesso em 30 jun. 2020.

LA NACIÓN. **El loco y el gaucho.** Disponível em: <<https://www.lanacion.com.ar/opinion/miradas/el-loco-y-el-gaucho-nid1739094>> Acesso em 23 jun. 2 jul. 2020.

LA NACIÓN. **El día que Chávez lo culpó de genocida.** 9 de junho de 2013. Disponível em: <<https://www.lanacion.com.ar/buenos-aires/el-dia-que-chavez-lo-culpo-de-genocida-nid1590042>>. Acesso em: 1 de jul. 2020

La NACIÓN. **El Sarmiento de la discordia.** 08 de setembro de 2017. Disponível em: <<https://www.lanacion.com.ar/sociedad/el-sarmiento-de-la-discordia-nid2061064>> Acesso em: 28 jun. 2020.

LA TINTA. **Sarmiento, la escuela, el gaucho y el indio. 11 de setembro de 2017.** Disponível em: <<https://latinta.com.ar/2017/09/sarmiento-escuela-gaucho-indio/>> Acesso em: 28 jun. 2020.

LA VOZ. **Confirman que la estatua de Colón se quedará en Capital Federal.** 16 de diciembre de 2013. Disponível em: <<https://www.lavoz.com.ar/politica/confirman-que-la-estatua-de-colon-se-queda-en-capital-federal>> Acesso em: 23 jun. 2020

MAZZINI, María José Olivera; TORELLO, Georgina. **¿Doble “Redota”? Representación del héroe patrio José Gervasio Artigas en el cine uruguayo (1915-2011).** Cinémas d’Amérique latine [En ligne], 24 | 2016, mis en ligne le 01

décembre 2018, consulté le 16 septembre 2020. URL:
<http://journals.openedition.org/cinelatino/2684>; DOI:
<https://doi.org/10.4000/cinelatino.2684>

MINISTERIO DE CULTURA de Argentina. **Auguste Rodin y la Argentina**. Disponível em: <<https://www.cultura.gob.ar/auguste-rodin-en-la-argentina-8553/>> Acesso em: 20 jun. 2020.

ORTEMBERG, Pablo. **Monumentos, memorialización y espacio público: reflexiones a propósito de la escultura de Juana Azurduy**. TAREA, 3 (3), 2016, pp. 96-125.

PERFIL. **El Monumento a Colón enfrenta a la Nación, Ciudad y la colectividad italiana**. 31 Mayo, 2013. Disponível em: <<https://www.perfil.com/noticias/cultura/el-monumento-a-colon-enfrenta-a-la-nacion-ciudad-y-la-colectividad-italiana-20130531-0022.phtml>> Acesso em: 27 jun. 2020.

REVISTA FÓRUM. **“Monumento às Bandeiras homenageia aqueles que nos massacraram”, diz liderança indígena**. 5 de outubro de 2013. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/noticias/monumento-as-bandeiras-homenageia-genocidas-que-dizimaram-nosso-povo-diz-lideranca-indigena/>> Acesso em: 22 de jun. 2020.

REVISTA MUSEU. **Fragmentos da arte que um dia habitou os espaços públicos. 20 de maio de 2019**. Disponível em: <<https://www.revistamuseu.com.br/site/br/noticias/nacionais/6530-20-05-2019-fragmentos-da-arte-que-um-dia-habitou-os-espacos-publicos.html>> Acesso em: 24 jun. 2020.

SÃO PAULO antiga. **Esculturas do Parque da Luz desapareceram**. 17 de novembro de 2016. Disponível em: <<https://www.saopauloantiga.com.br/esculturas-desapareceram/>> Acesso em 20 de jun. 2020.

SCHWARCZ, Lilian. **Vamos tirar a máscara dos nossos monumentos públicos**. 29 de junho de 2020. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/colunistas/2020/Vamos-tirar-a-m%C3%A1scara-dos-nossos-monumentos-p%C3%ABlicos>> Acesso em: 30 jun. 2020.

UNIVERSIDADE ORT URUGUAY. **Detalles de la obra - Artigas: La redota**. Disponível em: <<https://bibliotecas.ort.edu.uy/bibid/69817>> Acesso em: 30 jun. 2020.

VEJA. **Manifestantes derrubam estátua de Chávez na Venezuela**. 06 de maio de 2017. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/mundo/manifestantes-derrubam-estatua-de-chavez-na-venezuela/>> Acesso em: 30 jun. 2020.